

Construção de saberes e cuidado de si: Narcóticos Anônimos como um lugar de agenciamento dos sujeitos frente ao uso de drogas e seus tratamentos¹

Tatiane Vieira Barros (PPGAS/UFSC)

Questões introdutórias

Este trabalho está escrito de modo a gerar questionamentos e reflexões sobre o processo de construção e entendimento de algumas inquietações do campo com Narcóticos Anônimos. A proposta é partir de uma ideia central e caminhar pelos apontamentos etnográficos e teóricos que me levam a construção de uma questão central: pensar os grupos de ajuda mútua como alternativas terapêuticas para sujeitos com problemas relacionados ao uso de drogas². A proposta é trazer dados etnográficos marcantes e ensaiar as principais reflexões teóricas sobre o tema. Situo que este ensaio em tom de *work in progress* traz ideias ainda em primeiras elaborações e discussões preliminares; como proposta para uma discussão mais ampla que me ajudem a trabalhar os dados etnográficos com mais rigor e olhar ampliado. Para isso, sigo pela escolha do campo de pesquisa.

Há alguns anos, ainda na graduação, cursei um seminário especial em antropologia que tinha como tema grupos de ajuda mútua. Este foi um momento chave, se é que posso dizer isto, para a escolha do campo. Naquela ocasião tive meu primeiro contato com um grupo de Narcóticos Anônimos (NA) e realizei uma pesquisa breve, que proporcionou questões a serem amadurecidas, mas que foram sendo elaboradas com os anos e outras experiências etnográficas. Será que este tipo de tratamento funciona mesmo? O que leva uma pessoa a participar de um grupo de NA? Quem são os membros de NA? Estas eram perguntas que se faziam presentes e que tomaram outras proporções quando realizei pesquisa com usuários de crack.

¹ Trabalho apresentado 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 3 a 6 de agosto de 2016, João Pessoa/PB/Brasil; no GT 02: Agenciamentos sociais e políticas públicas de saúde: cruzando e confrontando perspectivas.

² O uso do termo "problemas relacionados ao uso de drogas" ou "problemas relacionados ao uso de substâncias psicoativas" será usado neste texto como uma forma mais ampla para pensar a relação contexto-sujeitos-substâncias. Nesse sentido, recorro ao texto do Maximiliano Loiola Souza e da Luíza Garnelo (2006), sobre alcoolização, onde eles apontam que este é um uso com alcance mais ampliado que o conceito de "dependência", pois associa-se tanto às ciências sociais quanto à biomedicina, bem como abrange questões de saúde e sociais, permitindo uma contextualização social, cultural e histórica. Portanto, ao usar estes termos, a proposta é expandir a discussão para além da ideia de dependência e olhar para suas relações.

Neste momento me interessava pensar cuidado, recuperação e tratamentos para usuários de drogas; me interessava também, olhar as práticas dos sujeitos com as tecnologias uso³ de substâncias, suas decisões e problemas. Este era o mote das questões antropológicas que estavam me levando a delimitação de um objeto de pesquisa. E considero que foi na experiência etnográfica com usuários de crack - nas ruas - que compreendi os grupos de ajuda mútua como um lugar etnográfico rico para observar estas questões. Isto se dava por alguns motivos principais que giravam em torno do acesso ao campo e das abordagens metodológicas; neste momento atentava para as dificuldades de fazer pesquisa nas ruas com sujeitos em trânsito e em situação de vulnerabilidade⁴. Então, no contexto etnográfico dos sujeitos em situação de uso e nas ruas, era sempre interpelada a pensar os tratamentos para estes usuários. Esta interpelação se dava em duas vias: quando os sujeitos questionavam sobre a intervenção antropológica, relacionando-a com assistências à saúde - perguntando se iríamos interná-los -; ou quando eles nos contavam suas experiências com substâncias psicoativas, relações sociais conflituosas e experiências terapêuticas.

Observando a crescente investida antropológica nos grupos de ajuda mútua como objetos de estudo cada vez mais em evidência e com potencial qualidade de pesquisas de campos, sobretudo os trabalhos realizados com Alcoólicos Anônimos (AA). O cerne central destes trabalhos estão na construção da pessoa (CAMPOS, 2005), do estigma enfrentado pelos membros dos grupos, a formação da identidade (FRÓIS, 2007) e até mesmo da ritualização existente. Sobre o grupo Narcóticos Anônimo em si, Jardel Loeck (2009), discutindo a representação social da noção de "adição" em trabalho com uma rede de grupos de NA em Porto Alegre, aponta para a escassez de trabalhos nesta área e para a peculiaridade do tema. Contudo, o estudo de grupos de ajuda mútua me parece um lugar em potencial para a pesquisa antropológica.

Assim, retomo a proposta de realizar campo com grupos de ajuda mútua Narcóticos Anônimos como um lugar que articula os vários discursos dos sujeitos, dos agenciamentos e dos atravessamentos existentes numa perspectiva de compreender

³ Por tecnologias estou considerando os elementos que envolvem o consumo de drogas e os aspectos da recuperação. No caso específico das tecnologias do uso, me refiro aos objetos e estratégias utilizadas na busca de um cuidado com o corpo, numa satisfação maior no consumo e, também, nas formas de obtenção das substâncias. Nesse sentido, tecnologias podem ser modalidades de redução de danos, de higiene, de prazer e de fissura. Quando referido as tecnologias da abstinência, aponto, sobretudo, para as estratégias para manter-se em recuperação, sem consumir drogas.

⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre questões de pesquisa com sujeitos ditos em vulnerabilidade, ler BARROS e ALCANTARA (2016).

condições de consumos e os tratamentos para pessoas com problemas relacionados ao uso de drogas. Então, o NA é o lugar central de onde partem as questões desse texto, provocadas pela participação no grupo e pelo contato com seus membros.

Considero necessário situar os leitores que, devido ao curto tempo e ao volume de informações, este texto apresentará um apanhado de questões não problematizadas teoricamente, mas que apontam para direções da análise do material de campo. Sendo assim, peço licença pelo volume de questões etnográficas que serão acionadas; justificando que este material ainda passará por outras análises e aprimoramento.

Contexto etnográfico

Em fevereiro de 2015 tive o primeiro contato com o grupo de Narcóticos Anônimos que é base para as investidas etnográficas da minha tese de doutorado. Naquela época, ainda com muitas especulações, procurei o grupo como uma forma de iniciar o campo. Chegando lá, comecei a participar timidamente das reuniões, acordadas previamente com os membros. Com o tempo, a medida que fui conhecendo mais membros do grupo e entendendo a dinâmica da circulação das pessoas, frequentar a reuniões ficou mais tranquilo.

Os grupos de ajuda mútua, que se definem como grupos de participação livre e individual se constituem uma diversidade de compreensões e experiências em torno do uso de drogas e da recuperação. NA é uma associação comunitária formada por pessoas que se autodenominam "adictos a drogas em recuperação". Os grupos, que no discurso nativo teriam uma função de ser uma espécie de Irmandade, aparecem como um espaço de troca de experiências que ajuda os adictos em recuperação a encarar a doença⁵ através das partilhas, dos 12 Passos, 12 Tradições e outras publicações disponibilizadas. Narcóticos Anônimos é acionado por pessoas que se definem (ou são definidas por outros) como tendo problemas relacionados ao uso de drogas e são as Partilhas - modo de narrativas adotado pelo grupo – que expressam compreensões em torno das socialidades do consumo de drogas, seus limites e extensões.

Para realizar a pesquisa, participei das reuniões de um grupo específico, mas percorri reuniões em outros grupos; sempre a convite dos membros daquele que

⁵ O que se entende por doença para um grupo de NA integra a discussão teórica deste trabalho, portanto não pode ser explicado de forma sucinta. Porém, pensando a partir das categorias acionadas por Erving Goffman (1975) é possível adiantar que aqui entende-se doença por tudo aquilo que se apresenta como um “desvio” ao “padrão normal” da sociedade.

considerarei o “grupo de escolha⁶”. Este localizado em um bairro turístico da cidade de Florianópolis/SC, numa região central, próximo a pontos de ônibus, supermercados, praças, comércio, praça de taxi, bares, bancas de revista, pousadas e outros estabelecimentos. Os dois containers que compõem a sala, ficam num terreno que pertence a igreja católica do bairro e está bem próximo a pontos de ônibus - facilitando o acesso. O lugar é identificado por um banner com a logomarca oficial de NA e outros banners menores com telefones da linha de ajuda⁷. As reuniões podem ser abertas, para aquelas em que é possível a participação de não membros do grupo e interessados e, reuniões fechadas, onde é permitido somente a participação de membros de NA⁸.

Frequentei semanalmente as reuniões abertas, por um período mais intenso e depois com alguns espaçamentos, mas mantive uma assiduidade necessária para conhecer melhor os membros do grupo - aqueles que também mantinham uma assiduidade -, entender as demandas, o Programa e as questões pertinentes. As reuniões ocorriam sempre das 20:00h às 22:00h, sofreram algumas mudanças de dias e local no decorrer destes 14 meses; sendo realizadas em diferentes dias da semana, que variavam de acordo com as reuniões de acordos entre os membros. No tempo que estive em campo, as mudanças ocorreram em função do uso dos espaços da/pela igreja; as reuniões aconteceram entre 3 e 5 vezes na semana.

As reuniões, em tom ritualístico, começavam sempre no horário marcado - as vezes com pequenos atrasados, em função da abertura da sala. O coordenador⁹ da reunião pede que todos fiquem de pé e, de mãos dadas, façam a oração da serenidade¹⁰. Em seguida todos se apresentam, dizendo o nome; alguns falam do tempo que estão limpos, outros agradecem à mais um dia de sala aberta. Então dá-se início as Partilhas, que neste grupo são de 5 minutos acrescidos de mais 2, totalizando 7 minutos; o

⁶ O grupo de escolha é como os membros de NA denominam aquele grupo onde mais frequentam as reuniões e se identificam com outros membros; isso se dá, pois a rotatividade em outros grupos é uma prática constante e até sugerida pela literatura de NA.

⁷ A linha de ajuda é um dos Serviços de NA. Serve como um acesso telefônico à informações ou ajuda. Alguns membros ficam responsável por atender os telefonemas e indicar onde tem reunião nos dias/horários solicitados, bem como informar que é possível ter ajuda e se recuperar. Este Serviço também é acionado por alguns adictos que estão com vontade de usar drogas e ligam em busca de algum apoio para desistir/superar a vontade.

⁸ Para participar destas reuniões é necessário ser membro de NA, o que não implica em ser participante daquele grupo, mas que permite a possibilidade de participação de qualquer membro de qualquer lugar do mundo.

⁹ Neste grupo, para ser coordenador de reunião, é necessário estar limpo há pelo menos 90 dias. É sugerido pelo Programa que membros recém chegados participem de 90 reuniões seguidas “90 dias, 90 reuniões”, este é tempo indicado para ter uma segurança em si. E só após este tempo que se pode assumir Serviço – atividades de manutenção, organização e execução dentro de NA.

¹⁰ "Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que eu não posso modificar. Coragem para modificar aquelas que eu posso e sabedoria para reconhecer as diferenças."

coordenador começa dizendo: "*nossa Partilha é por gatilho, com 5 minutos mais 2; a palavra está franqueada.*" É neste momento, que as questões cotidianas da Recuperação são verbalizadas.

A uma primeira vista o NA se apresenta como um lugar onde as singularidades são respeitadas e onde os limites do uso/abuso/adicção são individuais e cada um tem sua forma de cuidado. Apesar de ser um Programa que segue uma linha comum, as pessoas chegam a NA com demandas específicas, muitas vezes compartilhadas a partir de experiências com substâncias ou instituições, mas são demandas específicas. Cada sujeito está ali por um tipo de uso e por exigências específicas - sejam estas pessoais, familiares, profissionais ou mesmo de garantia de vida. Como diz na literatura de NA, "não importa o quanto ou o que você usou" (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 1993) e esta é a lógica que permite qualquer pessoa "reconhecer-se" adicto precisando de ajuda. Gerando expertise para pensar sujeitos em relação e entender a ideia: sujeito - contexto - substância.

O anonimato e as escolhas em campo

Uma dos aspectos primordiais dos grupos de NA é o anonimato, este que é abordado de forma distinta pelos membros do grupo, mas sempre com a premissa do resguardo ou quebra de suas identidades.

Para abordar a quebra do anonimato como uma forma de resguardar outras relações sociais ou de manter uma resistência às condições da vida social que oferecem riscos a manutenção da abstinência, recorro ao caso de um dos membros do grupo. Que em recuperação há pouco mais de 1 ano¹¹, fala nitidamente como tem quebrado seu anonimato para pessoas da família e do trabalho na tentativa de expor sua condição de problema e se posicionar como agente do seu processo de recuperação. Ele narra uma situação onde fora convidado para passar o fim de semana na casa de um amigo de longa data, que o havia conhecido na "*ativa*"¹², mas não "*loução*"¹³. Chamando-o para tomar umas cervejas, era sábado, horário de almoço e estava fazendo sol; como ele

¹¹ Sobre o tempo de recuperação dos membros acionados nesse texto, informo que o "tempo limpo" é aquele da data da coleta dos dados, havendo variações de tempo e até recaídas posteriores.

¹² Estar na "ativa" é a categoria usada pelos membros do grupo NA na ocasião que contam sobre o momento em que estavam fazendo uso de substâncias psicoativas; remetendo-se ao tempo em que usavam drogas, anterior a ocasião da abstinência.

¹³ A "ativa" é retomada a partir das mais distintas experiências, sendo inviável descrever um padrão de ação/comportamento dos sujeitos nessa condição. Porém, estar "loução" é expressado como um dos momentos da ativa, em que o consumo de substâncias é intenso e as expressões e ações dos sujeitos estão aquém da normalidade.

mesmo disse, uma pessoa "normal" tomaria uma cerveja com o amigo. O convite foi recusado com a afirmação de que não aceitaria, pois era alcoólatra. Nesse momento, fazendo expressão de surpresa, imitou a reação do seu amigo, que o olhou com questionamentos e susto, quando então ele disse: "*eu sou um adicto, a muita coisa, não posso beber, não posso usar nada. Daí eu mostrei meu chaveirinho*¹⁴ pra ele". E seu amigo, num tom de expertise e de camaradagem, respondeu: "*então você participa daquelas salinhas*", demonstrando que conhecia os grupos de ajuda mútua. Neste momento quebrar o anonimato fazia sentido, pois (re)estabeleceria algum laço de amizade e até de respeito.

Isto ocorre ao passo que ao informar à outros que ele é um "adicto em recuperação" - um membro de NA - são acionados aspectos do limite do reconhecimento e do cuidado de si. É possível dizer que o anonimato é tomado como mais uma das tecnologias da abstinência; é em torno desta ideia que relações são estabelecidas ou quebradas. Como no caso citado, informar sobre os anos de uso de drogas e a atual condição de estar em recuperação, em abstinência, explicita uma condição que reflete sobre a postura e tomada de decisões. Pois neste caso, quebrar o anonimato significa demonstrar como ele tem lidado com a adicção e o cuidado de si. Na mesma proporção, vemos esse agenciamento de informações, aos moldes do que escreveu Erving Goffman (1975), como um *controle de informações*, quando o anonimato é negociado de acordo com o contexto, sendo também, uma forma de agenciamento.

Este é um aspecto singular, pois ao contrário do que o senso comum e as propagandas anti-drogas divulgam, muitas pessoas que tem problemas com o uso de substâncias psicoativas não estão em crises extremas mantendo seus usos e problemas em sigilo. O que quero dizer aqui é como a ideia de problema é constituída e quais aspectos estão envolvidos. Não há um padrão para os problemas, nem tampouco para os sujeitos com problemas; sendo possível ver histórias de pessoas que consumiam diversos tipos de substâncias, tendo consequências distintas, mas que eram desconhecidas por suas famílias. Isso se dá, sobretudo, nos núcleos familiares menores - quando o sujeito mora com um cônjuge, um amigo, ou sozinho. Então, considero que o anonimato é um recurso central para os membros de NA, pois envolve a forma como

¹⁴ O chaveiro representa as etapas da recuperação dos membros de NA, o primeiro é trocado com 90 dias e existem vários (com cores diferentes) que são trocados a cada etapa da recuperação - 3 meses, 6 meses, 1 ano, 1 ano e 6 meses, e por ai em diante.

eles lidam com o grupo e como articulam lugares sociais. Podendo ser pensando como uma tecnologia de si (FOUCAULT, 1990) que é usado de formas distintas entre os membros de NA, aos moldes que permitem os indivíduos efetivarem operações sobre o corpo e sobre a alma, pensamentos e condutas, obtendo transformações em si mesmo para obter felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

O anonimato é realmente uma questão central para os grupos de ajuda mútua, mas não podemos esquecer que ele é também uma categoria de controvérsias e discussões nos trabalhos antropológicos. Quero lembrar que, mesmo muitas vezes naturalizados nos textos antropológicos, nos valemos do anonimato para resguardar as identidades dos interlocutores da pesquisa e protegê-los de uma identificação problemática e arriscada. Não colocar nomes, sugerir nome fictícios, excluir o personalismo dos textos, acaba sendo uma questão discutida também na antropologia, sobretudo nos trabalhos que tem passagem pelos Comitês de Ética e Pesquisa (CEP) e que fazem uso de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE¹⁵). Neste campo a discussão está voltada para que tipos de riscos e que proteção estamos falando, e trabalhos como os de MacRae e Vidal (2006), VÍctoria (2000) fazem um articulada abordagem sobre este tema que cresce cada vez mais na antropologia. Tema que devido seu caráter amplo, não terá espaço suficiente neste texto, mas que serve para elucidar como o anonimato é, também, uma questão singular e problematizada na antropologia. Tanto que, como bem aponta Claudia Fonseca (2008), o uso ou não do anonimato nos textos antropológicos é também uma escolha política e faz parte do próprio fazer etnográfico, sendo:

O uso de pseudônimos em nossos textos é uma maneira de lembrar a nossos leitores e a nós mesmos que não temos a pretensão de restituir a 'realidade bruta' (e nem por isso consideramos a antropologia uma ciência 'menor'). O nosso objetivo, sendo aquele mais coerente com o método etnográfico, é fazer/desfazer a oposição entre eu e o outro, construir/desconstruir a dicotomia exótico-familiar, e, para alcançar essa meta, a mediação do antropólogo é fundamental. Tal postura significa mais do que simplesmente por em relevo a força intelectual do pesquisador; significa defender uma postura em que 'estender os limites da imaginação científica' passa a ser a própria razão de ser da etnografia. (p.49)

¹⁵ Para uma discussão sobre ética em pesquisas qualitativas com seres humanos e o uso do TCLE, ver dissertação de Barros (2011) sobre doentes renais crônicos em tratamento com hemodiálise.

Concordo com o argumento acima, no sentido de mostrar que o texto etnográfico tem por si só um valor político e científico a ser pensado/negociado em campo; e que o anonimato é lugar dessa problematização.

E esta abordagem é relevante, pois endossa uma das questões metodológicas desse texto que diz respeito a não identificação dos membros de NA. Como apontado acima, o anonimato pode ser pensado em duas esferas, a do grupo e a dos trabalhos antropológicos. Então, considerando o lugar do anonimato para os grupos de ajuda mútua e o lugar político das discussões sobre drogas e tratamento, aqui, os sujeitos da pesquisa não serão identificados, mas sim borrados por suas histórias, proporcionando um alargamento e não uma personalização. O que quero propor com isto é que as histórias sobre a vida em adicção e a recuperação proporcionam uma gama questões que se estendem para a forma como a sociedade, a política, a economia, a saúde, a educação e a moral podem compreender os sujeitos. Então, não é importante identificar perfis, mas sim, apontar problemáticas reais dos sujeitos que se reconhecem ou são reconhecidos com problemas com uso de drogas. Portanto, o anonimato, tão caro para os NA e para a antropologia, será também uma ferramenta metodológica que proporcionará uma expansão dos aspectos singulares da vida de quem recorrer à um grupo de ajuda mútua NA e de sua trajetória.

Deste modo, sigo o texto apresentando as questões, dadas no momento das Partilhas do grupo. Me interessa pensar como as experiências do cotidiano postas nas Partilhas apontam para as questões reais de uma vida em recuperação; trazendo os aspectos relevantes desses sujeitos que demonstram as limitações e as escolhas de uma vida em recuperação, bem como suas afetações. Neste sentido, tomando nota das discussões centrais nas reuniões, apresento um mapeamento daquilo que expresso como um caminho para pensar agenciamentos e subjetivações dos sujeitos em campo.

Na primeira análise dos diários de campo, percebo que a minha escrita sobre as idas ao grupo baseavam-se, sobretudo, em descrever as Partilhas e a forma como algumas temas eram tensionados por situações específicas e abordados pelos membros presentes em cada reunião. Percebo que a minha forma de olhar para o grupo de NA se baseou nos temas acionados nas Partilhas. Este, que poderia ser um detalhe etnográfico, neste momento da escrita, reflete o cerne da estrutura da tese, no sentido em que ao pensar sobre a categoria de sujeitos como um paradigma (MALUF, 2015), permito acioná-los como proponentes das reflexões maiores e mais alinhadas sobre o grupo. Ou melhor, ao me voltar para os temas específicos das Partilhas, sou conduzida pelos

sujeitos em campo a atentar para as questões relevantes à eles; oferecendo guias para a observação.

As Partilhas e as questões relevantes aos membros de NA

Estar na sala de NA e ouvir as Partilhas, era sempre um momento que as ideias efervesciam, sobretudo no começo, quando ainda não conhecia os membros do grupo, permitindo toda imaginação e interpretação possíveis para compreender aquela história contada em 5 minutos mais 2 minutos¹⁶. As Partilhas consistem no momento específico que cada membro pode falar sobre as questões que o afligem, que o tencionam, ou simplesmente, sobre momentos de sua vida. Considero que são as Partilhas a expressão maior de como se constituem os sujeitos em recuperação, pois é no momento de partilhar que os membros podem acionar aspectos de suas vidas que achem relevante. São estas falas que expressam os aspectos negociáveis de uma vida em abstinência, seus limites, dificuldades e superações. Não há modelos específicos, mas num geral elas acionam aspectos passados (a vida na ativa), aspectos presentes (a abstinência) e aspectos futuros (ter um futuro) dos membros de NA; ficando o conteúdo a mercê da vontade de cada um.

As Partilhas são momentos oportunos de entender a relação entre a Recuperação e a vida cotidiana. Pois demonstra a agência frente às relações territorializadas do estar em abstinência, em anonimato e em recuperação. São as Partilhas que apresentam os sujeitos membros de NA em suas questões essenciais, aquelas que têm significado e que são relevantes da vida de um adicto em recuperação. Deste modo, afim de abordar o grupo de ajuda mútua NA como um lugar de observar as subjetivações e os agenciamentos dos sujeitos frente ao uso de drogas e seus tratamentos, para isto recorro à algumas questões apontadas nas Partilhas, como momentos etnográficos estratégicos para desenvolver esta discussão.

- *Reconhecer-se impotente perante a adicção*

Os membros de NA costumam dizer que *"os 12 Passos são para os adictos, já as 12 Tradições são para o grupo, é como se você tivesse que seguir os 12 Passos bem direitinho para poder ter sucesso na recuperação."* Este modelo de 12 Passos é que dá

¹⁶ Tempo de Partilha do grupo. Esse tempo pode ser quebrado em função de quem está partilhando cumprir ou não o tempo. É tolerável que se extrapole alguns minutos, a depender do acordo coletivo. Neste grupo, foi combinado que o coordenador sinalizará cada minuto é extrapolado; para quem estiver partilhando ter noção do quanto ultrapassou o tempo e dê a palavra a outros.

forma ao tipo de recuperação de cada um, sendo um processo de aprendizado e descobertas. De modo, comumente escutava dos membros o quanto era difícil fazer o 1º Passo¹⁷, pois ele diz respeito ao reconhecimento da "impotência" frente à adicção. É neste momento que os sujeitos reconhecem a impossibilidade do controle.

Considero que dada subjetividade nas formas de reconhecer-se e nos atravessamentos que existem sobre como se constituem os problemas relacionados ao uso de drogas, assumir-se "impotente" perante à adicção faz parte do processo de subjetivação desses sujeitos, podendo, também, ser elaborado na experiência com um grupo. Neste sentido, remeto a Foucault (1994) no volume 2 da História da Sexualidade, quando ele mostra que o objetivo do estudo para entender como os indivíduos se tornam sujeitos de sua sexualidade passava pelas "*problematizações* através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as *prática* a partir das quais essas problematizações se formam." (p.19) - [grifo do autor]. Acredito que o mesmo seja válido para a adicção e o processo da constituição desse sujeito adicto.

A partir da experiência etnográfica, percebo que há uma afirmação que o grupo só funciona porque é um lugar onde as pessoas podem falar o que quiserem sem restrições, que serão escutados e compreendidos. E principalmente, por ser um lugar sem o controle tácito do sistema de saúde ou das instituições de aprisionamento, longe também da ideia de tutela imposta pelo Estado. De acordo com um dos interlocutores: "*não há outro lugar onde se possa falar sobre os medos, sobre as experiências, as frustrações e tudo que envolve o universo da adicção e da recuperação, sem censura, pois o NA é um lugar onde os monstros voam*". Em outra Partilha o NA é visto como "*um programa simples para pessoas complicadas; isso aqui funciona porque não tem ninguém te julgando, só você mesmo*". Essas falas caracterizam uma ideia acerca de NA, mas vem muito carregadas de outras experiências, sejam em clínicas (de saúde), prisões e outras locais propostos a tratar pessoas com problemas com drogas. Então, a ideia é que o grupo de NA é um lugar onde se pode exercer a autonomia sobre a recuperação e, cada um alcança seus limites do corpo, da experiência com a ausência e (por que não?) o controle sobre as drogas.

Num dia de chuva forte, em que a reunião já havia começado e poucos membros estavam presentes; um rapaz que estava limpo há pouco mais de 5 meses começou sua Partilha dizendo sobre como é a vida em situações de abstinência. Ele

¹⁷ 1º Passo: Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

falou que em outras épocas, quando estava ainda usando drogas, nenhuma chuva o afligiria para o uso. Numa comparação crítica aos outros companheiros que não estavam presentes, ele conta que se fosse na época da "ativa" "*estaria debaixo de chuva indo na boca pegar droga e que isso não seria motivo de desistência*". Aqui a questão relevante que permeia a ideia do "admitir-se impotente" é a condição que existe em destinar à Recuperação a mesma vontade e disposição despendida na ativa. Bem como, elaborar os entendimentos sobre si e a relação com as drogas e o tratamento. Este é um dos processos de negociação sobre a ideia de adicção e como ela é constituída a partir da experiência com o grupo.

- *Construindo-se como adicto em recuperação*

Construindo uma ideia sobre a adicção, os membros de NA passam a recorrer às suas experiências anteriores para demonstrar as questões latentes para o grupo. Neste caso, no processo de reconhecerem-se como adictos em recuperação é visível nas passagens sobre aspectos da vida a partir de uma abordagem sugerida nos 12 Passos. Os membros do grupo, fazem uso da palavra enquadrando suas experiências aos moldes discursivos de NA, onde as compreensões de si e das compreensões sobre problemas se dão a partir dos moldes do grupo. Reconhecendo assim, uma perspectiva de manipulação da identidade. Aqui é possível pensar as categorias de *identidades desacreditada e desacreditável* (GOFFMAN, 1975), quando ele diz que "A questão que se coloca não é a de manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para que, como, quando e onde. (p.51).

A exemplo, numa das reuniões, um dos membros disse que havia se dado conta naquele momento que ele "*havia criado um personagem e que estava vivendo um 'eu' que não era o eu de verdade, mas que eu mesmo estava acreditando naquele personagem. E pior, é que eu havia feito isso para minha esposa*". Ele disse que havia criado uma pessoa que não era ele e que havia se convencido disso, que vivia socialmente como essa personagem. Identidade elaborada para manipular contextos e acessos desde quando estava na "ativa", até hoje, enquanto está em Recuperação, mas que precisa ser todos os outros personagens de uma vida em abstinência (pai, marido, trabalhador, etc). Ele fala que a ausência de conhecer a si e de ter o que fazer o deixam

consumido pela vida, para ele a adicção que o deixa compulsivo por consumir a vida, de modo que consome a vida e abusa do corpo como se consumisse drogas.

Em outra medida, ainda para pensar a experiência em NA como guia na construção de identidades e trajetórias, trago a Partilha de um membro que fala sobre seu itinerário terapêutico e seus agenciamentos. Ele conta que consumiu crack por 3 meses, sem que ninguém soubesse, nem mesmo sua esposa; e isso o fazia sentir-se mal. Ele contou a verdade a ela e, com seu apoio começaram a trilhar uma série de serviços de tratamento. Primeiro, procurou um psicólogo, que o indicou um psiquiatra. Entre uma consulta e outra ele passou 15 dias sem usar nenhuma droga e sofreu muito com as crises de abstinência, *"eu tive febre, calafrios. O controle da TV com 1000 canais não parava. Tava frio, o ar condicionado no máximo e eu suando."*

No psiquiatra ele foi receitado a tomar muitos tipos diferentes de medicamento para controlar a abstinência e adicção. *"Eu estava trocando as drogas que comprava de forma ilícita por medicamentos tarja-preta, algo como diazepam"*. A solução dada por este médico, que o tratou por 2 meses foi a internação. Não conformado, procurou outro médico, que, especializado em drogas, reduziu sua carga de remédios e disse que ele precisava se internar para *"conhecer melhor o que estava sentindo, o que ele tinha, o problema."* Então, prescrito por um médico, e por "vontade própria" ele se internou, estando há algum tempo já em abstinência. Na clínica, *"eu me achava mais 'superior' que os outros, por estar limpo, mas reconheci que ali eram todos adictos, iguais a mim."* Lá ele conheceu o Programa de 12 Passos e ao sair, resolveu procurar um grupo de NA. Ele afirma que hoje entende que é um doente, um adicto, mas que ainda não aceita, pois não aceita que vá passar o resto da vida sem tomar um copo de cerveja, para ele a adicção é quando a vida fica incontrolável por conta do uso de drogas.

- *Só por hoje*

A partilha começou e teve disputa. Um cedeu. Esta é uma cena comum nas Partilhas por gatilho que é o modelo das reuniões do grupo; significa que duas pessoas pediram a vez da Partilha no mesmo momento, assim, um deles cede a vez ao outro, ficando para a sequência. Quem começou a partilhar, falou dos seus *"1283 de só por hoje"*. Falou que começou a compreender o tratamento e não ter vontade de desistir quando entendeu qual a proposta do "só por hoje". Para ele, saber que ia ficar "para sempre" sem beber, usar drogas ou frequentar alguns lugares da ativa, o deixava muito descontente e inconformado. No entanto, quando entende que é um dia de cada vez, que

só naquele dia não vai usar, não vai recair, a vida começa a ficar mais simples e a própria adicção vai passando por uma inversão. *"Ela deixa de ser compulsiva pelo todo e se volta para uma realidade controlável, 1 dia de cada vez". "Se reconhecer doente é melhor do que se reconhecer mau".*

Ainda na sua partilha, é enfático quando ele diz que só no NA é possível se reconhecer e compreender suas questões e problemas, que isso é bom, pois é o grupo que o ajuda a ter uma visão crítica sobre si. Neste sentido, ele diz que a primeira vez que viu que álcool era droga foi quando ele entrou numa sala de NA e viu escrito em um quadro negro: *"álcool também é droga"*. Aqui a concepção de que o álcool por ser uma droga legalizada não era droga, mas ao pensar sua "ativa" ele via que sempre bebia antes de consumir qualquer droga, que era o álcool que impulsionava a coragem para o consumo, muitas vezes. Pois ele relata, que havia vezes *"que não tinha mais prazer no uso, somente a compulsão, e que era com o álcool que me sentia a vontade para usar outras substâncias"*.

A outra Partilha, que ficou no gatilho, foi de uma senhora, muito elegante, bem arrumada e cheia de joias douradas. Ela, contrariando todas as outras falas, disse que não foi o NA quem a recuperou, *"venho no NA, porque é uma terapia é de graça, mas não gosto."* Ela diz que o NA pode ter contribuído com sua recuperação, mas que ela só se recuperou pela sua força e determinação. Ela tocou num assunto muito interessante para pensar a concepção de adicção e das subjetivações, quando menciona que tem uma filha que é usuária de maconha - que ela não soube lidar com a condição da filha: *"eu fiz uma internação precoce com a minha filha. Quando ela tinha 15 anos, no lugar de dar uma festa de princesa eu a internei numa clínica. Ela era usuária de maconha"* (Isto mostra a disparidade da compreensão sobre o que é adicção, pois ela que era usuária de drogas internou a filha numa perspectiva de recuperação, sem problematizar, portanto, o seu próprio uso e a forma como ambas se relacionavam com as substâncias. Aqui, ela aponta que sua decisão, poderia ter sido uma extensão da sua vontade de se recuperar. Ela diz também que acha que existe essa *"loucura do uso"*, por conta da proibição; que cada vez mais as pessoas tem problemas porque é tudo proibido e *"a gente não sabe lidar"*.

- *Adicção e adoecimento*

Na tentativa de estreitar a discussão é possível dizer que NA aborda a adicção como adoecimento por toda a construção moral que envolve o ser usuário

"problemático" de drogas e pela posituação que a ideia de adoecimento remete. Pensando aos moldes do que é narrado em partilhas: *"é mais fácil ser um adicto, um doente, do que um nóia"*. Um dos membros argumentou que *"conseguiu manter o vício por ter grana pra usar, por ser respeitado no trabalho e por não achar que isso era um problema na minha vida"*. Para ele, reconhecer-se doente vai além dos problemas físicos que a droga proporciona, mas se volta às questões morais que implicam em instâncias como a vida e a dignidade: *"a droga mata tirando nossa dignidade. Vamos morrer um dia, seja com um tiro no peito, seja numa briga de rua, seja engasgado. Todos vamos morrer, mas não será a droga que vai me matar"*.

É interessante abordar por esse caminho, para perceber como a ideia de adicção remete à tríade chave de uma análise sofisticada do tema drogas: indivíduo - contexto - substância (Zinberg 1984). Ao reconhecer que *"se nasce adicto"* e que existem questões de uma economia moral na adicção, os membros de NA estão - de uma maneira não muito clara ou direta - nos levando à uma ideia de que são as experiências, as relações, as forma de uso (da vida e das drogas) e as políticas envolvidas que compõem o problema. Organizando estas ideias, podemos ver que há dimensões morais, médicas, políticas e sociais que compõem o universo do uso de drogas e seus tratamentos. E que tratar a adicção como doença é uma forma de interpretar o universo do uso de drogas e seus problemas de um modo palpável; dando sentido à questões que são individuais, mas que resultam e refletem em questões maiores - sociais.

- *Internação X Ajuda mútua*

Num dia de reunião encontrei um membro que há tempos não frequentava as reuniões, pelo que entendi, estava recaído¹⁸. Ele contou que certo dia resolveu fumar um cigarro de maconha e quando se deu conta estava indo pegar outras drogas. Ele disse que recaiu após sair de 30 dias de internação, *"sai da clínica, 30 dias, e fui direto usar. Estava só esperando o dia de sair."* Este é um caso que é sempre abordado nas Partilhas, as pessoas que são internadas em instituições e que ao saírem retomam o uso imediatamente. As clínicas - dependendo da proposta - são vistas como forma de recuperação do corpo e mesmo da segurança dos adictos, alguns membros chegam a chamá-las de "SPA". Mas outra via a se pensar é a de que a internação deixa abjeta a autonomia do sujeito, e tem métodos que podem ser questionados pelos usuários

¹⁸ Recair é o termo usado para falar de alguém que estava em abstinência e que voltou a usar drogas, isto é recair. Não manter-se em abstinência.

evitando suas experiências anteriores com tratamentos e, também, substâncias. Além, sobretudo, que esta é uma medida que ocorre, muitas vezes, contra a vontade do usuário; ou como única alternativa conhecida. Aqui é possível remeter a adicção construída a partir de relações morais, saúde e de segurança entre o uso drogas e as regulações da sociedade; neste sentido o NA pode ser visto como uma alternativa à internação.

Em outro caso, um dos membros que se dizia usuário regular de cocaína, ao falar de sua última recaída, onde ficou 2 meses usando crack: *"foi 2 meses, mas nesse tempo eu perdi tudo, vendi tudo, tive que voltar a morar na casa da minha família."* *"Usuário de crack tem um perfil, todos eles com o tempo ficam marrons. Não tomam mais banho, se toma, não é um banho cuidadoso. Não come mais direito, não toma água. É uma pessoa assim [neste momento ele aperta do ombros, encolhe os braços, murcha o rosto], só de bermudinha e chinelo. Estas roupas legais, eram as primeiras a serem vendidas"*. Voltando para casa da família, sua mãe teria procurado um lugar para ser internado - pela quinta vez. Ele conta que tem família da igreja e que todas as outras vezes que tentou parar de usar foi na igreja. Aqui ele faz um contrabalanço entre se recuperar e parar de usar drogas; no sentido em que ele não aciona a condição de "parar de usar" para as outras quatro vezes em que esteve internado. Reforçando a ideia de que as clínicas e instituições se tornam lugares de passagem, onde a ideia de problema se mantém, mas não é problematizada pelos usuários.

No decorrer da sua fala, conversamos sobre estratégias de RD manipuladas por ele, sem muito interesse científico, mas que faziam sentido na sua condição de alguém querendo não ter problemas com drogas. Nesse momento ele descreve que *"já tentei só beber, mas dá certo por um tempo, por uma semana, mas depois não dá mais certo. Um adicto não tem controle, vai dar certo na primeira semana, vou lá e só bebo; mas aí vem a segunda semana e eu vou querer beber mais um dia. E no fim de semana eu já to virando"*. Mas que dessa vez, seu pai que é membro de AA, resolveu levá-lo ao NA. Ele nunca conhecera NA, mas já era familiarizado com os 12 Passos. Como ele mesmo disse *"eu vi em NA um lugar pra me recuperar longe das internações"*.

NA como uma alternativa terapêutica: Sobre internações e tratamentos

Observando os momentos etnográficos descritos acima, é possível remeter as questões apontadas por Marcel Mauss (2003), quando aciona que os hábitos coletivos

tratam-se "sempre de maneiras de agir ou de pensar, consagradas pela tradição e que a sociedade impõe aos indivíduos" (Idem, p.9). O grupo tem rituais e posturas a serem seguidas, principalmente por tratar-se de um programa único para uma diversidade de pessoas, por isso, aspectos que contemplam a ideia de Recuperação acabam sendo negociados a partir de experiências distintas que relacionam a prática coletiva como um modelo sugerido à cada indivíduo. O que faz com que a Recuperação em NA possa ser vista com base nas experiências e nas subjetivações da vida coletiva, pois cada um vale-se de suas demandas, motivações para encontrar-se em abstinência e em Recuperação.

É este lugar do NA como um espaço que reconhece os problemas com drogas como uma doença crônica, sem cura, mas que pode ser controlada com o Programa dos 12 Passos que aparece como uma alternativa terapêutica possível para pessoas que tem tido problemas, sobretudo sociais, devido condição do uso/abuso. Nesse sentido, os grupos de NA aparecem como espaços onde a autonomia é possível e a agência dos sujeitos é exercitada, pois articula aspectos da identidade e do cuidado de si que vão além daqueles vistos nas clínicas, com internações longas e compulsórias - saída para muitas famílias. Compreendendo cuidado de si (FOUCAULT, 2013) como uma elaboração de saberes e de socialidades que envolvem formas específicas de entender a vida e as relações sociais.

Observando, alguns momentos das Partilhas, percebemos que as questões para os membros de NA passam por várias esferas de suas vidas, remetendo às singularidades e a diversidade do que é ter problemas relacionados ao uso de drogas. Nessa medida, os motivos para chegar em NA passam pela forma como as pessoas entendem seus problemas. Neste cenário, entendendo que a ideia de adoecimento é aprendida a partir de uma construção de saberes e da experiência no grupo, as narrativas apontam para as questões mentais, psiquiátricas e que envolvam surtos são os principais fatores de internações.

As drogas são vistas como uma das consequências deste adoecimento que se manifesta de diversas formas, mas que tem nas drogas seu principal reconhecimento. No entanto, quando vemos que os mais diferentes tipos de reações e usos e abusos são feitos, entendemos o tamanho desta questão e de quão subjetiva é a experiência de um sujeito com determinadas substâncias. Precisamos reconhecer, que as internações, uma saída pela saúde mental para casos em que "não se sabia mais o que fazer" implica ainda num controle dos corpos, numa disciplinaridade acuada ou repreendida - como sinônimo de cura - onde só o isolamento pode provocar melhorias. Um distanciamento,

um cuidado extremo que desapropria os sujeitos, desterritorializam-no, e o colocam sob tutela; é a família "se livrando" socialmente de um membro problemático.

No Brasil a política pública sobre drogas é orientada pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD), que pertence ao Ministério da Justiça. E em consulta nas políticas sobre drogas, é possível encontrar o NA citado como *rede de apoio*¹⁹ aos usuários que realizam tratamento, além dos serviços oferecidos na rede pública de saúde. Reconheço que, considerando as especificidades dos problemas relacionados ao uso e as formas de tratamentos disponíveis, este é uma proposta que visa territorializar o cuidado; na medida em que permite que pessoas mantenham-se em seus locais sociais - ou o mais próximo disto. Assim estudar grupos de ajuda mútua como o NA geram problemas antropológicos para pensar autonomia, agenciamentos e as subjetivações em torno do uso de drogas e seus tratamentos; apontando, sobretudo, para a importância de situar o lugar dos sujeitos nesses processos.

Bibliografia

BARROS, Tatiane Vieira. *Do Normal ao Renal: uma perspectiva antropológica sobre doença renal crônica e hemodiálise*. Recife: PPGA/UFPE. 2011.

BARROS, Tatiane Vieira; ALCANTARA, J. L. Reflexões metodológicas sobre a experiência com o mapeamento do perfil de usuários de crack no Nordeste do Brasil In: *Drogas, Políticas Públicas E Consumidores*. 1 ed. Campinas : Mercado de Letras, 2016, p. 149-176.

CAMPOS, Edemilson. *Alcoolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos*. 2005. Tese (doutorado em Ciências Sociais) -- (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos). São Carlos 2005.

FONSECA, Claudia. *O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'*. Revista Teoria e Cultura. Juiz de Fora, v.2, n.1 e 2, Jan/Dez, 2008.

FOUCAULT, M. *Tecnologias del Yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. *A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1994.

_____. *A história da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2013.

¹⁹ Informação disponível no site do Ministério da Justiça <<<http://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/programa-crack-1/tratamento>>> acessado em: 10 de junho 2016.

FRÓIS, Catarina O. *A reinvenção do eu através do discurso: narrativa, estigma e anonimato nas famílias anônimas*. MANA 13(1): 63-84, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1975.

LOECK, Jardel Fischer. *Adicção e ajuda mútua: estudo antropológico de grupos de narcóticos anônimos na cidade de Porto Alegre (RS)*. 2009. Dissertação (mestrado em Antropologia) -- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

MACRAE, E. e VIDAL S. *A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas*. Rev. Antropol, 49(2):646-66. 2006

MALUF, Sônia Weidner. *Por uma antropologia do sujeito: da pessoa aos modos de subjetivação*. Publicado na revista Campos (NO PRELO). 2015

MAUSS, Marcel. 2003. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Texto Básico*. Chatsworth, Califórnia. (Tradução da quinta edição do livro Narcotics Anonymous). 1993.

SOUZA, Maximiliano Loiola; GARNELO, Luíza. *Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Ano IX, n. 2, 2006, p. 279-292.

VÍCTORA, C. *et al.* Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF. In: *Pesquisas em versus pesquisas com seres humanos. Antropologia e ética*. Série Antropologia. Porto Alegre: UFRGS. 2000